



A PRESENÇA
DE CRISTO É
NO INSTANTE
QUE PASSA

DIÁLOGOS COM PADRE PIGI BERNAREGGI

■ *Na capa, Pe. Pigi, de costas, em sua casa, aponta para o bairro Providência, em Belo Horizonte.*

Foto de Neófta Oliveira

Preparação e revisão: Isabella Alberto

Diagramação e capa: Derval Braga

© 2021 – Sociedade Litterae Communionis

© Fraternità di Comunione e Liberazione

para os textos de Julián Carrón

Pierluigi Bernareggi (1939-2021), o Pigi, foi aluno de Dom Luigi Giussani, o fundador do Movimento Comunhão e Libertação, nos anos cinquenta, no Liceu Berchet em Milão. Ali encontrou a experiência de GS (Gioventù Studentesca, núcleo original de CL), e dentro dessa história, em 1964 partiu como missionário para o Brasil, aonde chegou junto com outros estudantes. Foi ordenado padre em Belo Horizonte. Por alguns anos ensinou filosofia e teologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Foi sobretudo presença histórica no bairro Primeiro de Maio, onde exerceu a missão de pároco da Paróquia de Todos os Santos; lá construiu várias igrejas e se dedicou à criação de verdadeiras comunidades fraternas e solidárias.

Por muitos anos se dedicou à luta pelo direito à moradia para a população mais necessitada.

Após ter completado 50 anos de sacerdócio, em 2018, e 80 anos de idade, transferiu-se para a casa Convivium Emaús, onde moram alguns padres idosos da Diocese de Belo Horizonte. Ali veio a falecer no dia 22 de janeiro deste ano após uma queda, enquanto caminhava pelo pátio externo.

Este livro quer ser uma homenagem a padre Pigi por meio da recordação de diálogos informais, bonitos e marcantes que ele teve nos últimos anos com amigos do Movimento, especialmente com Marco Montrasi (o Bracco) – responsável por CL no Brasil. A maioria dessas conversas ocorreram na companhia de Rosetta Brambilla (a Rosa), ela também missionária no Brasil há mais de 40 anos e grande amiga de Pigi. Foi para ela que ele escreveu a carta que conclui este livro. Fechamos a publicação com as últimas mensagens de padre Julián Carrón para ele.

INTRODUÇÃO

Assim que soube do falecimento do Pigi, logo me veio o desejo de ir procurar os textos e gravações de nossos últimos encontros. Queria retomar as memórias do Pigi, porque esses diálogos, para mim, foram realmente um marco, algo que me tocou para sempre. Impossível sair igual depois de um encontro com ele. Cada momento que passávamos juntos era realmente um presente que eu recebia, inesperado. Por isso, todas as vezes que eu ia a Belo Horizonte, não podia deixar de ir encontrá-lo.

O Pigi para mim era como um porto seguro. Não no sentido de um refúgio, mas um porto de onde se parte para lugares desconhecidos, para o mar infinito. Ele sempre me fazia descobrir alguma coisa nova do carisma que eu encontrei como algo vivo. Não era só o passado que ele viveu no início de GS, mas algo que ele carregava em si e que dava aquele brilho nos seus olhos. Na verdade, para mim era ver nele o coração do que eu vi, da experiência humana que eu vi vibrar em Dom Giussani.

Outro ponto fundamental, quando penso no Pigi, é a misericórdia do seu olhar. Desde as primeiras vezes que o encontrei, depois que conversávamos, sempre nascia em mim o desejo de me confessar. Era como a consequência natural de querer mergulhar naquela misericórdia.

Por isso, nestas páginas estão alguns textos que são como pequenas memórias que reuni com o desejo e o pedido a Deus de poder ter o Pigi cada vez mais no canto dos meus olhos.

Marco Montrasi (Bracco)

■ Marco Montrasi cumprimenta padre
Pigi no seu Jubileu Sacerdotal.



©Fotos: Kika Antunes



A MISERICÓRDIA E A TEOLOGIA DO POVO

Um diálogo com Pigi Bernareggi para falar sobre o tema da “teologia do povo”. Provocações do Papa Francisco que não nos deixam tranquilos. Artigo publicado na edição impressa da Revista Passos de junho de 2015

Por Marco Montrasi

Bairro 1º de Maio, periferia de Belo Horizonte. Encontramo-nos na casa de Rosetta Brambilla, que vive na vizinhança dele há mais de 30 anos. Gosto muito de conversar com o padre Pigi Bernareggi. Olhos vivos que inspiram simpatia e misericórdia e me lembram muito o olhar de Dom Giussani. Até porque não deixa de citar, de vez em quando, frases dele, canções ou histórias que, logo se vê, constituem, ainda hoje, o seu coração e o seu olhar sobre tudo. Por isso é muito bom conversar com ele.

Eu tinha lido, no dia anterior, um artigo escrito originalmente pelo então Cardeal Bergoglio (“Bergoglio: vi spiego la teologia del popolo” [in] *Avvenire*, 26 de abril de 2015), no qual ele explicava o conceito de “teologia do povo”, que evidencia a riqueza da religiosidade popular na América Latina. Muitas perguntas e algumas descobertas pulavam na minha mente e queria ouvir o que padre Pigi tinha a dizer sobre elas. A seguir o belo diálogo que tivemos informalmente durante um almoço.

Uma das coisas que mais me ajudaram neste período foi o que disse o Papa a respeito da graça de nos sentirmos pecadores. O que mais nos desagrada pode se tornar uma graça, que coisa absurda!

Pigi: “*Oh! Si vous saviez combien Je t’aime*”. “Ah! Se você soubesse o quanto eu o amo”, você retornaria para Jerusalém e o peso dos seus pecados o faria voltar mais rápido. Aliás, eles o empurrariam,

o arrastariam até mim. Primeiro vem o amor de Cristo, a graça precursora, depois vem o nosso retorno. Mas se não existisse antes o amor de Cristo, não poderíamos retornar.

Mas por que resistimos em retornar? Por que o peso dos nossos pecados é mais forte do que o desejo de nos entregar?

Pigi: Porque existe o pecado original. O amor de Cristo criou um campo magnético antagônico à força gravitacional do pecado, uma força superior que é o desejo, a tendência de voltar. Por isso não ajuda nada falar dos erros, mas do amor de Cristo, porque é isso que faz o homem se mover, quase que automaticamente. Mas se ninguém me fala do amor de Cristo... Eu vejo isso com os jovens aqui, que entram no tráfico com 13, 12, 11 anos. E agora querem reduzir a maioridade penal...

Quando o Papa fala da religiosidade popular, não fala dela como um fenômeno folclórico, mas como uma riqueza muito importante presente na América Latina, e pensei que aqui no Brasil esse fenômeno teve e ainda tem uma grande incidência.

Rosetta: Mas agora não é mais assim!

Pigi: Não é que agora não é mais assim; ela é mais oculta, se considerarmos as novas gerações, mas a raiz permanece. A raiz não é a nossa capacidade, mas a graça de Cristo. Bastaria que nós tivéssemos alguém que dissesse isso em cada esquina das ruas. Como a história daquele traficante amigo de Rosetta. Conte!

Rosetta: Numa festa no bairro estava presente um dos chefes do tráfico. Terminada a festa, ele se aproximou dizendo: “Por que você estava olhando para mim?”. “Porque eu queria olhar”, respondi. Ele voltou a perguntar: “Mas você sabe o que eu faço?”. E eu: “Não olhava para você pelo que você faz, mas porque o seu coração procura o que o meu também procura”. Ele me perguntou se podia vir conversar comigo, veio muitas vezes e nós nos tornamos amigos. Depois, um dia, ele foi assassinado.

Pigi: Isso se chama graça precursora. O olhar de Cristo antecipa a nossa conversão. *A vocação de Mateus*, de Caravaggio, citada pelo Papa, diz isso. Aqui havia um rapaz que já tinha matado 22 pessoas. Um dia uma jornalista veio me entrevistar, porque se dizia que os traficantes estavam aterrorizando a favela, e o jornal tinha recebido uma denúncia de que uma velhinha havia sido expulsa da sua casa, para que ali se instalasse uma “boca de fumo”. Eu lhe disse que não sabia de nada, mas que se fosse verdade, certamente era algo errado. No dia seguinte, na primeira página do jornal aparece o meu nome: “Padre Pigi denuncia traficante”. Logo recebo um telefonema anônimo dizendo que eu devia ir embora porque já haviam me condenado à morte. Passei a noite sem dormir, mas de manhã me veio uma ideia. Eu tinha ganho de presente um rosto de Cristo esculpido em madeira, muito bonito. Eu o peguei e fui à favela para encontrar o traficante. Chegando lá, uma pessoa me parou e perguntou o que eu queria; disse que queria falar a respeito daquela entrevista; alguém me disse para esperar, e depois de dez minutos veio o traficante. Eu lhe explico a razão da minha visita e ele, primeiro, me mostra o lugar onde ele colocaria a sua caminhonete (onde antes, efetivamente, estava o barraco da velhinha), e em seguida me diz: “Agora venha comigo”. Pensei: agora ele vai me matar. Entramos num beco e a certa altura, no fundo, aparece uma casinha, parecida com aquela da Branca de Neve: tijolos à vista, as janelas com cortinas, o piso vermelho, a cama, o banheiro, tudo novo. “Veja, é aqui que a velhinha está morando agora”. Aí, com um grito, eu disse: “Oh! Rapaz!”. E lhe dei o Cristo que eu estava levando. Nunca vi no rosto de uma pessoa um sorriso tão verdadeiro como o que vi naquele momento no rosto dele. Depois que se acalmou, me disse que eu podia ir. Graças a Deus ainda estou vivo. Mas o sorriso daquele rapaz quando topou com o rosto de Cristo foi uma coisa incrível. É o que se chama de graça precursora. Nunca mais o vi.

Mas essa história parece aquela outra, sempre lembrada por Dom Giussani quando falava da unidade na vida gerada pela fé, dos bandidos que, na Idade Média, rezavam antes de partirem para um roubo.

Pigi: É uma raiz. As pessoas recebem essa raiz no ventre materno. Nunca devemos partir dos defeitos, dos limites. Mas simplesmente comunicar a experiência de Cristo.

Rosetta: No entanto, agora parece que não existe mais essa raiz.

Pigi: *Semel assumpta semper assumpta* (uma vez assumida, para sempre assumida). Cristo assumiu a nossa carne humana e uma vez assumida, agarrou-a para sempre. Cristo não volta mais atrás. Não precisa fazer outra encarnação. Ele está em tudo e em todos. A gente não pode mais olhar alguém pensando que está fora da relação com Cristo. E não é verdade que não existe mais essa raiz. Se você ajuda alguém a tomar consciência disso, imediatamente essa raiz aparece, basta pouco, um nada. Depois que Cristo retornou ao céu, o céu é a raiz. A raiz de nós todos.

O Papa, no artigo, a certa altura diz: “Não gosto quando alguém diz que precisamos instruí-los... a primeira heresia da Igreja é a gnose*. Ainda hoje podemos ver posições gnósticas diante desse fato da espiritualidade ou piedade popular”.

Pigi: O gnosticismo reduzia a religião a uma compreensão intelectual. Já o cristianismo é o reconhecimento de uma realidade imprevisível e intocável, completamente inimaginável, mas que aconteceu. Ou melhor, que está acontecendo. Não no passado que não existe mais, não no futuro que não existe ainda, mas neste instante, neste momento. Está aí. Se não percebemos que “está aí”, fracassamos com nossos planos pastorais. É preciso mergulhar no meio do povo com essa humildade que não é levar Cristo aos outros, mas ajudar os outros a descobrir o Cristo presente agora. Como disse o Papa citando Dom Giussani, que nunca quis fundar nada, mas apenas propor o cristianismo em seus termos originais.

Leio um outro trecho do artigo: “Quando, como Igreja, nos aproximamos dos pobres para acompanhá-los, constatamos que vivem com um sentido transcendente da vida. A vida depende de alguém. Tudo isso se encontra no mais profundo da nossa gente. Esse é um ponto chave que precisamos cuidar, porque é uma riqueza para a Igreja de hoje”.

Pigi: A Igreja difunde-se lá onde há gente que espera mais. E o que cada pessoa espera não está imediatamente ligado aos seus conceitos, como supõem o gnosticismo. O que a gente espera, espera com todo o ser. O importante é que exista alguém que esteja esperando. Tanto é verdade que, às crianças pequenas, é inútil falar muito de Deus e de Nossa Senhora; antes, é preciso ajudá-las e estimulá-las a esperar. Daquela mãe que esperava receberam a vida. Foram geradas por uma mãe que esperava.

O homem moderno também espera, mas é como se faltasse a resposta.

Pigi: É “como se”, porque a resposta já existe.

A nossa doença é que nós pensamos que já sabemos.

Pigi: “Quando poderei ver o teu rosto?”. É para esse “quando” que se dirige a humanidade das pessoas. Adriana Mascagni cantava isso. “Como a corça suspira pela água viva, assim tem sede de ti o meu coração, ó Deus!”. Isso vale também para o mais cretino e idiota homem da Terra... É preciso saber dirigir-se a essa coisa que existe em todo homem... O Gius [Dom Giussani] tocava aquela corda que existe em todos nós. Eu procuro sempre me manter ligado a essa espera, nos meus sermões. E é essa espera que se ouve. “*Ho un sassolino nella scarpa. ahi! Che mi fa molto molto male. Ahi!*” (Tenho uma pedrinha no sapato, ai! Que me faz muito, muito mal, ai!). Giussani cantava essa musiquinha para nós, durante a aula. ■

***Nota:** As heresias gnósticas, muito importantes nos primeiros séculos do cristianismo, mas que sobrevivem matizadas mesmo nos dias atuais, consideram que o acesso a Deus implica um conhecimento específico, que não está ao alcance de todos, mas só dos iniciados que se dedicam ao seu estudo.

A PLENITUDE DOS TEMPOS

Notas do diálogo com padre Pigi Bernareggi durante as férias nacionais de Comunhão e Libertação. Serra Negra/SP, 29 de julho de 2016

Bracco: Convidamos o Pigi para um diálogo conosco sobre o caminho que estamos fazendo, em particular, o percurso dos Exercícios da Fraternidade, sobre o tema da misericórdia [“Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada”], para tentarmos entrar mais no mistério dessa palavra e entender o que isso significa na experiência também.

Pigi: Foi falado que isso seria uma assembleia, portanto não esperem de mim aulas ou lições. O que eu posso fazer é dar uma ajuda diante das interrogações, que são sempre sinal de inteligência. Quem pergunta expressa o que seu espírito busca. O ponto de interrogação não significa o ponto final, ele é moldado pela busca que estamos fazendo. Desse modo, estou às ordens para qualquer coisa que queiram comunicar, esclarecer ou perguntar.

Coloção: Pigi, eu sou professora e como o senhor disse que a pergunta é a expressão da gente, então tem uma coisa que quero ouvir do senhor e entender. Como foi o desafio que Dom Giussani fez no início? Porque aquilo que vejo em mim é um medo. Aqui na p. 9 do livro dos Exercícios, Carrón diz assim: “Sem querer impor nada de fora, desde o primeiro dia de aula, Dom Giussani se submeteu ao tribunal dos seus alunos. Confia sua proposta ao juízo deles.” E ele dizia: “Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que lhes transmito, mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que lhes direi.” A experiência que eu

faço é que carrego esse tesouro comigo, mas muitas vezes, diante dos alunos, é como se eu duvidasse disso, como se tivesse medo. Eu tenho certeza disso, mas diante dos alunos me sinto impotente. Então eu queria que você pudesse nos contar como você viveu esse desafio que Dom Giussani lhe fez.

Pigi: Nesse trecho, o próprio Carrón se coloca no banco junto com a gente, assistindo à forma como Dom Gius atacava, digamos, a sua “escolaresca”. Era um verdadeiro ataque porque não pensem que seja de hoje essa mudança epocal. Nós, na minha época lá na Itália, estávamos completamente imersos no resultado final dessa mudança epocal. Que não é uma mudança de dias ou de meses, é uma mudança de quinhentos anos, já vai fazer seiscentos anos, a mudança do rumo da cultura ocidental. Portanto, o peso da cultura completamente estranha, aliás, inimiga do cristianismo, era carregada em nossos ombros diariamente. Aliás, não era um peso muito grande porque ninguém de nós, pelo menos na minha sala, ninguém mais era cristão ou se dizia cristão. E quando Dom Giussani entrava na sala de aula, encontrava uma muralha inimiga, preconceituosamente inimiga. Não era um ou outro que discordava de alguma coisa, era toda a sala de aula que era sua inimiga. E com o temperamento dele, aceitava a guerra. Justamente no primeiro momento ele se apresentava com um desafio. Ele dizia: “Eu desafio vocês.” Essas palavras eram como um refrão que repetia em todos os três anos do segundo grau [atual ensino médio]. Não passava quase nenhuma aula sem lançar esse desafio. Em que consistia esse desafio? Ele nos desafiava para que fôssemos leais com a nossa experiência. O que saía da boca de Dom Giussani era a palavra lealdade. “Sejam leais consigo mesmos.” O apelo à lealdade era o apelo às exigências e evidências fundamentais da nossa pessoa, diante do que ele nos propunha. Essa postura guerreira nos obrigava a entrar na briga. As objeções surgiam às toneladas, principalmente da parte dos alunos mais falantes, cujo rompante era mais evidente. E quando as objeções surgiam, ele nunca se demonstrava de alguma forma ofendido, mas mostrava gratidão àquele que tivesse a coragem guerreira de entrar na batalha com ele. Mas o maior batalhador não éramos nós da sala

de aula, era o nosso professor de filosofia. Naquela época havia três anos de história da filosofia no segundo grau. Esse professor querido, inimigo querido, era Mário Miccinesi, que tinha estudado na mais prestigiosa academia de filosofia da Itália, a Universidade de Pisa. Possuía uma dialética, digamos assim, muito refinada. Os alunos dialogavam com esse professor de filosofia sobre as objeções e, juntos, montavam as objeções, que saíam da boca do nosso colega com toda a pressão da cultura filosófica mais requintada da época. Dom Giussani parecia mergulhar com gozo, com alegria nessa discussão que, muitas vezes, extrapolava a sala de aula. Quando a aula de religião católica de Dom Gius era após a de filosofia, ou o contrário, os dois se encontravam no corredor e o debate continuava ali. As duas salas saíam e faziam assembleia no corredor e nós assistíamos aos dois, o Miccinesi e Dom Giussani. Era como Atlético e Cruzeiro, em Belo Horizonte. Nós assistíamos apaixonadamente a esses debates, nos sentíamos envolvidos e víamos que não era uma coisa desleal e deseducada ou maldosa, mas era um debate limpo. Isso nos ajudou a sair fora daquela masmorra de neutralidade, de indiferença a que a cultura de relativismo absoluto e de individualismo da época nos levava. Pelo contrário, nós éramos convidados a entrar dentro de uma luta de ideais, de ideias humanísticas, o ideal do cristianismo. Depois que acabava a aula, após intenso debate, Dom Giussani pegava no braço do colega Miccinesi e iam os dois para o bar. A gente lembra daqueles anos com prazer. Acho que todos nós, os que ainda estão vivos, devem estar com essas coisas ainda na cabeça. Foi isso que fizemos nos encontros durante três anos. Naturalmente, o convite depois veio para nos encontrarmos fora da sala de aula e começou o movimento estudantil nas escolas de Milão, com uma sede própria no centro da cidade, onde todos os grupos das escolas da cidade se encontravam para fazer o “Raio”. Os grupos eram considerados raios no meio da bagunça cultural da época. As reuniões eram consideradas “Raios” e nós éramos os “rainhos”. Então, voltando aqui ao que diz Carrón, o desafio sempre foi este: “Comparem o que eu falo ou o que o Miccinesi fala ou o que o colega diz com a sua humanidade, com as realidades autênticas que estão em vocês, com as suas exigências verdadeiras. Todos nós

tivemos grande sorte naqueles três anos de liceu. O meu colega de carteira se tornou dominicano, é dominicano até hoje em Paris; um dos nossos maiores adversários na época, hoje é um dos redatores dos documentos do Movimento na Itália, e tantos outros. Quando nos encontramos, lembramos com prazer daquela época porque é uma grande alegria aprender a trabalhar, a jogar a nossa experiência dentro do que acontece, do que propõe o mundo, na sociedade. Nenhum de nós era cristão, mas nesses anos, juntos, quem quis ser cristão, tornou-se cristão autêntico e o é até hoje. Eu saí da minha masmorra neutra para uma aventura maravilhosa da qual faço parte até hoje. Considero a minha vida uma bela aventura. Não sei se te respondi direito, mas pelo menos tentei comunicar a experiência.

Colocação: Sou professor universitário, faço Escola de Comunidade e encontro pessoas e estudantes da faculdade que vêm de uma tradição muito distante da Igreja. Eu queria te fazer uma pergunta acerca do ponto 2 da introdução onde ele diz, citando os papas, que a necessidade da misericórdia é um sinal dos tempos. Fazendo Escola de Comunidade sobre isso, a primeira reação é de não compreensão, pois as pessoas dizem que não veem em lugar nenhum essa necessidade de misericórdia. E eu fiquei pensando como a noção da exigência de ser perdoado não é óbvia, ou pelo menos, como você dizia, ser leal com a experiência. Eu percebo que a gente precisa ser ajudado a ajudar esses nossos amigos a serem tão leais com a própria experiência a ponto de perceber que todo homem, independentemente da história ou da crença, tem essa exigência da misericórdia. Então, eu queria te perguntar por que as pessoas têm essa dificuldade de perceber essa exigência em si. Não tanto uma curiosidade intelectual, embora eu também seja curioso para entender o porquê, mas como ajuda para mim e para esses amigos para percorrer o caminho e para se dar conta de que todos, independentemente de ter fé ou não, têm essa exigência de misericórdia.

Pigi: A cidade precisa da misericórdia. Já surgiu, desde o mundo grego, na *pólis*, como uma forma de criar um meio de humanidade dentro de um mundo desumano. Os grandes impérios egípcios,

babilônios e tantos outros impérios pré-cristãos tentaram isso. Era a tentativa imperialista da sociedade pré-cristã. Mas dentro desse mundo imperialista, onde o valor da pessoa não existia, e sim o domínio do imperador, criaram redutos para que cada pessoa fosse tratada como tal, sentindo-se livre do jugo do império, e assim surgiram as *pólis*, isto é, as cidades. E a vocação das cidades continua sendo essa, apesar de que, quando a cidade incha e vira uma metrópole pavorosa, esta origem, pela qual todo mundo fugiu do interior onde era escravo, onde era maltratado, onde o dono da terra explorava, onde não tinha saúde, não tinha esperança, não tinha nada, esta origem pode se perder. Mas vieram para a cidade buscar esperança. Se a cidade tem a vocação de ser, digamos, o lugar da libertação das pessoas e, pelo contrário, surge a experiência da escravidão de novo, na cidade torna-se muito mais essencial resgatar a beleza da pessoa, o valor da pessoa. Dentro do contexto atual das grandes cidades brasileiras, esse motor do resgate do valor das pessoas, por incrível que pareça é a favela. Eu me ocupei durante muitos anos, e ainda me ocupo, da pastoral de favela em Belo Horizonte, e nós dizíamos sempre que favela não é problema, mas sim solução. Toda manhã, quando os favelados se espalham pela cidade, para realizar os trabalhos mais humildes e muitas vezes menos remunerados, eles carregam consigo uma carga de humanidade que se dilui na cidade. O fator de maior humanização das metrópoles brasileiras são as favelas. É um povo simples, mas é um povo que tem raízes cristãs, lá de onde vieram. E esse resquício de cristianismo já é o suficiente para fazer deles um elemento humanizador mais forte no contexto urbano, dos aglomerados humanos. Portanto, eu analiso essa necessidade da misericórdia dentro da minha experiência reduzida, digamos assim, de Belo Horizonte, de periferia e de favela. Considero essencial e estratégico o trabalho da Igreja Católica para encorajar, aglutinar, fortificar a presença dos mais humildes dentro da cidade grande. É verdade que de um certo meio para cima não interessa a misericórdia. Mas mais verdade que isso é que onde temos fontes que sejam humildes, de misericórdia, temos uma cidade melhor. É onde há quem tem compaixão dos outros que se abre um ambiente de esperança. Digo isso

porque sou vigário de uma periferia humilde. Tenho uma parte da paróquia que é favela e outra parte é classe média, mas eu sinto como a favela está nos encorajando, dando-nos apoio para o trabalho de resgate da humanidade fraterna. Estamos montando comunidades de ruas. Nos ambientes humildes a rua é uma espécie de sala de estar das casas todas. Então, estamos lutando para formar pequenas comunidades de rua, onde as famílias se encontram, se querem bem e se ajudam. Pode ser que intelectualmente, em análises sociológicas de mais alto nível, se dispense a caridade, mas me parece que dentro da nossa realidade mais comum, na simplicidade do nosso povo, o gosto pela fraternidade é muito grande. A alegria de sermos irmãos aparece imediatamente. Portanto, nós, na Igreja de Belo Horizonte, temos o lema *Rede de Comunidades*. A Igreja pretende criar no território todo uma rede múltipla de pequenas comunidades. Parece-nos essa a pastoral mais acertada para o futuro. O professor de faculdade lida com as pessoas que talvez sejam a nata e que portanto não têm muito essa sensibilidade. Mas eu lido com uma realidade bem mais humilde. Sinto a beleza e a alegria que as pessoas têm em resgatar a fraternidade e a misericórdia mútua.

Colocação: Na sua resposta à primeira pergunta, o senhor mencionou de forma bastante apaixonada as discussões entre Dom Giussani e o professor de filosofia e com todos os alunos, muitos dos quais se colocavam em uma posição de inimigos, digamos assim. Diante de todas essas discussões e ideias antagônicas, como era, daquilo que o senhor presenciou, daquilo que o senhor acompanhou, a evolução do pensamento de Dom Giussani, no sentido da aceitação dele, das posições antagônicas que lhe eram expostas e como isso era absorvido por ele?

Pigi: Ele citava muito esta frase: “Nada do que é humano me é estranho” (“*Homo sum: humani nihil a me alienum puto*”. Terenzio, *Heautontimoroumenos*, v. 77). Isso ele nos repetia constantemente. Mas isso não é uma evolução de Dom Giussani, é o seu ponto de partida. “Nada do que é humano me é estranho.” Tanto que foi se encontrar com os monges do Himalaia e fez a tese sobre um

grande teólogo protestante. Se tem uma pessoa aberta 360° a tudo que possa existir no mundo, desde a origem, essa pessoa é Dom Giussani. Então, tudo que talvez se pudesse chamar de evolução do pensamento ou das organizações concretas que surgiram dentro da esfera de ação de Dom Giussani (CL, Fraternidade, Grupo Adulto...) na verdade não é evolução. Não precisamos considerar como passos a mais, porém expressões daquilo que, implicitamente, está dentro dessa abertura em 360° da humanidade dele. Dom Gius dizia sempre para nós que ele aprendeu isso no seminário, com um professor que dizia assim: “Nós somos abertos a tudo, tudo é nosso. Já pensou? Vai chegar um belo dia em que estaremos dando aula no terceiro ou quarto andar, pularemos dessa janela e não iremos nos espatifar porque o cristianismo é uma forma de dominar o mundo inteiro.” É uma espécie de percepção fantástica do cristianismo. Como o homem inventou o avião e navega por cima do ar, o submarino navega por baixo do mar, nós, um dia, vamos ser donos de tudo, iguais a essas crianças que pegam um brinquedo e têm o mundo inteiro na mão. É uma pequena e longínqua imaginação do abraço total ao mundo inteiro e do domínio sobre tudo. Isso é o início da raiz do cristianismo. Portanto, eu não pensaria em evolução, mas em explicitações daquilo que já está dentro da origem, da postura original da pessoa de Dom Giussani. Por isso CL está no mundo inteiro, pega em qualquer lugar, como a plantinha chamada tiririca, que se espalha.

Bracco: Marcou-me o que você falou da positividade desse momento. A verdade é que nós podemos, nessa mudança epocal, como falamos, carregar um medo dentro, como se o negativo estivesse quase prevalecendo. Só que eu li algo do Papa, outro dia, que fala da plenitude dos tempos. Quando Cristo nasceu não estavam claras as evidências. É como agora. De alguma forma, esse olhar que você falou é o mesmo que podemos ter de quando Cristo nasceu. Mas às vezes domina em nós uma resistência, como se o mal estivesse prevalecendo. Então, eu queria que você falasse dessa ideia do tempo. O que pode nos dar esperança? Como é para você, na sua vida?

Pigi: A plenitude dos tempos: um menino em uma gruta de Belém, com dois bois jogando baforadas sobre ele; um pobre coitado de um pescador, de um carpinteiro; depois, na cruz, no instante da morte de Cristo na cruz, isso tudo não é brincadeira. O instante da morte de Cristo na cruz é a salvação do mundo inteiro. E São João entendeu perfeitamente isso quando escreveu a frase em que descreve a morte de Cristo: “Inclinando a cabeça, enviou o seu Espírito.” Pentecostes! Para São João, a morte de Cristo é o Pentecostes. Jesus disse as últimas palavras: “Tudo está consumado.” Quer dizer que está zerado, não tem mais nada? Não. Tudo está dentro dessa ação de Cristo. Nos primeiros batismos, dos primeiros cristãos, as pessoas eram mergulhadas na água, em uma piscina grande, e quando saíam podiam respirar. Isso era para sentir como o cristianismo te faz respirar. Por isso, essa questão da plenitude dos tempos é muito séria. Talvez, o problema epocal nosso não é tanto que o mundo esteja negativo, mas é que nós precisamos resgatar com urgência aquela alegria, aquele abraço infinito. E se vocês querem uma sugestão: o tempo pascal não termina no dia da ressurreição, termina no dia da Ascensão e do envio do Espírito Santo. O desencadear-se do Espírito surge da Ascensão de Cristo ao céu. Isso me lembra um dia em Gudo, uma periferia de Milão. Tem certas coisas que ficam como um flash na cabeça da gente, não desaparecem nunca. Nesse lugar havia um salão onde um dia Dom Giussani fez uma reunião com o Grupo Adulto, e ele falou: “Hoje é um dia especial porque nós vamos meditar a Ascensão de Cristo.” E nós todos dissemos: “Ascensão? Subiu ao céu? Negócio esquisito...”. E fez uma explicação assim: “Cristo subiu ao céu. Que céu é esse? Pai nosso que estais no céu... E onde está? É a nossa vida, é a fonte da vida que temos no profundo de nós mesmos. Cristo, com seu corpo ressuscitado está no profundo do ser de todos vocês e de todos aqueles que, no mundo inteiro, nunca pensaram em Cristo.” Sugiro que vocês meditem de novo sobre o dia da Ascensão. Deve ter algo escrito sobre isso. É essencial, porque estamos muitas vezes acanhados, vendo tanto sofrimento, tanta miséria, tanta injustiça. Mas, gente, o que é tudo isso diante da presença de Cristo e da sua Ascensão? Aquele que está matando o católico por ser católico, que está se explodindo,

ele está jogando suas vítimas nos braços do Cristo ressuscitado. Na nossa vila, em Belo Horizonte, o tráfico é o centro. O bairro em que eu moro é como a mão da gente. Estamos no centro e de lá saem as artérias de comunicação com a cidade toda. Ali está a mão do tráfico. Quando matam um desses meninos de 18, 17 ou 15 anos, barbaramente, pensam que estão fazendo o mal para ele, mas estão explodindo ele para ir ao Eterno. Se soubessem disso, não matavam mais porque eles queriam fazer o mal, mas estão dando para ele o passaporte do céu. Eu falo isso com as mães na hora da missa de corpo presente, e elas compreendem. Vejo no semblante delas. Que surpresa! Não é “surpreendente” metaforicamente: é a realidade que nos surpreende, aquela na qual estamos mergulhados dia e noite. É uma explosão não de bomba, mas explosão do Cristo ressuscitado que subiu ao céu e está em todos nós. Se alguém disser que isso é ser visionário, não é. Essa não é uma forma imaginária, essa é a pura essência do cristianismo, é o núcleo central do cristianismo. “Tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber. Toda vez que fizestes isso, a Mim o fizestes.” Isso é uma forma imaginária de Cristo falar uma parábola? Não é isso não! Essa é a pura e simples realidade verdadeira. Mulher, no teu filho está o corpo glorioso do Cristo ressuscitado! A consciência constante dessa nossa vida não pode nos deixar ficar com medo, com o espírito negativo. Eu tenho 78 anos, sinto o peso do meu corpo e posso ficar negativo. Mas é só eu fazer memória! Não é recordar, é “fazer memória”, isto é, tomar conhecimento daquilo que eu tinha esquecido, mas que é a substância real do instante que eu estou vivendo. Simone Weil falou assim: “O tempo é esta espera. O tempo é a espera de Deus que mendiga o nosso amor.” O que é o tempo? Eu não vivo no passado que já passou, não vivo no futuro que ainda não chegou, vivo neste instante que passa, e que já passou, é fluido. Esse fluir não é uma banalidade, é Deus me esperando, mendigando meu amor, oferecendo-me mais uma chance de sentir que o instante é o fluir do amor infinito de Deus, na hora que eu passo por ele. Não é o amor de Deus que passa por mim, sou eu que passo pelo amor de Deus. Igual aos mergulhadores, nós mergulhamos no amor de Deus como peixe dentro d’água. O tempo que passa pode parecer a

coisa mais chata, mais sem graça, contudo são instantes em que Ele me dá tudo, porque neste instante que está passando, eu não faço nada para eu existir, é a gratuidade infinita de Deus que me faz ser o que sou. Uma misericórdia sem limite. Então, deixemo-nos levar pelo fluir infinito desse Deus que me doa infinitamente a sua vida, neste instante, e em outro instante, até o instante com “I” maiúsculo, que é a eternidade, onde o tempo se torna o instante pleno, que nem conseguimos imaginar o que possa ser, mas que é um negócio fantástico! Isso tudo a gente aprendeu com Dom Giussani, naquele dia no salão de Gudo. ■

■ *Dom Giussani e Pe. Francesco Ricci (ao fundo)
com Pigi Bernareggi. São Paulo, 1974.
© Fraternità Comunione Liberazione*



NO INSTANTE ESTÁ CONTIDO TUDO

Este diálogo ocorreu no dia 23 de junho de 2019 com alguns amigos, entre os quais Rosetta Brambilla (ela também missionária na capital de Minas Gerais) e Marco Montrasi (Bracco, responsável de CL no Brasil).

Pigi: Obrigado porque se eu lesse a mensagem de Carrón [pelo aniversário de 80 anos] ia chorar. Não ia conseguir. Um dia, Carrón bateu na minha porta. Eu não sabia quem ele era: “Posso conversar com o senhor um pouquinho?”. Ele me fez mil perguntas e eu respondi a todas. Pensei: “Deus me mandou essa pessoa...”. Nunca ninguém me tinha feito tantas perguntas. Depois ele me abraçou e foi embora. Não sei quanto tempo depois eu descobri que era o Carrón. E falei “Nossa Senhora!”. Como pode alguém ter tanta capacidade de amar os outros sem nunca ter visto? Eu nunca tinha visto ele, nem ele a mim. Imaginem agora com isso aqui [a mensagem] eu vou chorar mais de um ano.

Rosetta: É por um amor à história, né, Pigi?

Pigi: Eu sei que não sei nada. Tudo acontece e eu nunca esperei. Eu nunca esperei que acontecesse esse “trem” todo, não! Tem muita gente que faz 80 anos neste ano. Eugenia Scabini, Peppino Zola, Dino Quartana, Maria Rita... [entre os primeiros participantes de *Gioventù Studentesca, GS, primeiro núcleo de Comunhão e Libertação*].

Bracco: Sabe Pigi, me marcou que Carrón continua a falar esta palavra ultimamente: *superabundância*. Nestes dias fizemos um encontro com um grupo de educadores, e a certo ponto eu pensei em qual é a primeira força de um educador, como para cada um de nós. É se aconteceu alguma coisa pela qual ele vibra, uma *superabundância*.

E pensei que essa consciência, esse se dar conta do que lhe aconteceu é como uma bomba atômica porque acontece no lugar mais íntimo de mim sem que ninguém veja. Posso estar longe, afastado de tudo (nós falávamos do medo de deixar os meninos livres), mas paradoxalmente o momento em que aconteceu uma bomba atômica para cada um de nós não foi quando estávamos no meio do maior e mais bonito acontecimento do mundo; talvez tenha acontecido depois, quando estávamos sozinhos ou quase longe, indo embora: aconteceu essa bomba atômica em mim quando me dei conta de alguma coisa. Então eu estava pensando que graça que temos em ter um caminho, de ter alguém que nos ajuda a cuidar desse momento, que é o momento da minha liberdade deixada totalmente livre para se dar conta. Como isso que Carrón fala pra você nesta mensagem: é a sua superabundância. Porque aquilo que me fascinou em você, sempre, vindo te encontrar, nos momentos mais tranquilos – não eram grandes encontros –, é que havia sempre uma superabundância de Cristo: uma paz que Cristo gera, uma liberdade que Cristo gera, que tornou você um pai pra mim, logo!

Pigi: E vice-versa.

Rosetta: Essa bomba, que você diz que explode, é a consciência daquilo que a gente encontrou, não é?

Pigi: Com 80 anos é a consciência também daquilo que nos espera. Igual ao rio quando chega perto da cachoeira e aumenta a velocidade. Quanto mais a gente fica velho, mais o tempo passa rápido. Você não percebe que passa tão rápido assim porque já está na hora de dar o pulo na cachoeira.

Bracco: Como você responderia a essa pergunta que nós trabalhamos nos nossos Exercícios: “O que resiste ao impacto a passagem do tempo?”.

Pigi: O instante. É o instante que passa. O tempo passa. No passar do tempo, no instante que passa está contido tudo. Então, a bomba

atômica é uma espécie de acontecimento que ocorre no instante que passa. Não são coisas passadas ou coisas futuras, mas coisas que estão acontecendo neste momento, que graças a Deus tudo existe e tudo é. Já pensou se neste instante Deus não quisesse fazer mais nada? Não ia existir mais nada, não! A gente sabe que tudo existe porque neste instante que está passando e já passou, eu percebi que existe. Portanto, quando você pergunta sobre a permanência da consciência do fato da grande novidade que é Cristo, a permanência de Cristo não é um contínuo resgate do passado, é uma constante presença no presente que se estende ao passado e abrange o futuro. Por isso, quando nos tornamos mais idosos o tempo passa mais rápido porque é próprio do tempo passar para ser substituído pela eternidade. Mas quanto mais próximos da eternidade, mais o tempo passa. Não sei como posso explicar melhor. Quando a gente é jovem, nunca chega aquela coisa que a gente quer. Nunca chega! Nunca chega! Quando a gente fica velhinho – igual a mim – o tempo passa com uma velocidade pavorosa. E não é uma coisa que o deixa preocupado, não, porque lá dentro está tudo. No instante que passa, está tudo dentro.

Bracco: O grande medo que se vive agora tem a ver com o futuro, como se houvesse um peso, uma incerteza. Essa sensação de que fica tudo líquido, tremendo debaixo dos pés. Mas isso depende dessa fraqueza da consciência do instante.

Pigi: Do instante que passa. Não é que o instante seja uma coisa assim... Passa, já passou! Mas é no passar desse instante que você sente que há alguma coisa, a força de tudo, o poder de tudo. Você falou do poder, um acontecimento radical, completamente novo. Está neste instante que passa, neste instante aqui, que parece tão frágil, tão inútil, tão passageiro, mas é onde está tudo.

Elenice: Ontem, Pigi, no nosso grupo de Fraternidade, uma pessoa falou algo parecido com isso que você está falando. Ela falou que essa pergunta – o que resiste ao impacto da passagem do tempo? – faz com que você direcione isso ou para o passado ou para o futuro,

mas ela se deu conta de que essa pergunta ela precisa se fazer todos os dias porque é no instante. Disse exatamente isso. Ela dizia: “Eu vou para o trabalho [ela é enfermeira e trabalha num posto de saúde, realidade dura] e todos os dias quando chego diante das pessoas, pacientes que chegam com mil situações, me faço essa pergunta”, porque é aí que ela percebe o que resiste à passagem do tempo, fazendo o trabalho dela aí, porque é aí que ela verifica a vitória de Cristo.

Rosetta: Conta pra nós, o que, nestes seus 80 anos, você não perdeu de vista (que nós não podemos perder de vista)?

Pigi: Pensei somente numa coisa: levar adiante o que tinha recebido. Não temos de nos preocupar muito com outras coisas porque se aquilo que você recebeu é aquilo que faz o mundo girar, imagine se não é a mesma coisa que faz a gente girar. Aquilo que eu recebi em GS foi a certeza da presença de Cristo em tudo, sempre, custe o que custar, doa a quem doer. Presença de Cristo no instante que passa, porque se não for no instante que passa não é em tudo, será um esquema teórico ao qual você fará referência de vez em quando, uma espécie de refúgio (ou retiro espiritual). A grande descoberta que fiz em GS com meus amigos era que a substância do instante que passa é a presença de Cristo. Se não for do instante que passa, não é de nada.

Rosetta: Muitos entre nós podem não ter essa consciência.

Pigi: Mas isso é dom de Deus, chama-se fé. A fé não é capacidade da gente, é dom de Deus. Desde quando eu era criança minha mãe me ensinava a fé pelo jeito como ela fazia [as coisas], por como ela falava, nas posturas dela. Só que depois o mundo no qual você mergulha é uma coisa tão destruidora e desarticuladora que destrói tudo. E quando nós éramos estudantes lá no Berchet, a gente estava no fundo do poço. Havia um tal de professor Miccinesi que massacrava a gente. Dino Quartana, esse meu colega, todo mundo ria dele porque ele era bonzinho e era amigo.

Foi ele que me levou para GS. Então, nós éramos os bobos da corte na escola.

Bracco: Ultimamente Carrón tem nos falado que este momento que parece o momento da desarticulação total, um dos momentos mais difíceis talvez, mas ele diz sempre que este momento é um momento fascinante. Porque ninguém de nós tem mais uma esteira que o carregue. Antes, muito mais gente pensava as mesmas coisas, então não havia grandes problemas. Ao invés, agora, precisa que aconteça em mim alguma coisa, se não...

Pigi: Não é que não acontece em mim, mas é a consciência de que está acontecendo em mim. Porque às vezes dizemos “acontece, não acontece”. Acontece sim! Você é que não toma consciência. Mas que acontece, acontece. Acontece custe o que custar, doa a quem doer, quer você tome conhecimento ou não, à revelia completa de tudo o que se possa imaginar.

Bracco: Essa é bomba atômica! Por isso quando você vê nos colegiais ou nos educadores, neste momento de confusão, alguém que se dá conta disso, é um milagre.

Pigi: O cristianismo por si próprio é dom de Deus, portanto é um milagre. Aquele milagre *mirabilis*: aquilo que é admirável. Portanto, não é milagroso, é admirável. Os milagres não são coisas diferentes e espantosas, são aquilo que te fascina no instante que passa. ■



ABRIR O OLHAR

Em 29 de novembro de 2019, um grupo de amigos que organizam o Projeto Entrepassos, um clube de leitura nascido com o desejo de serem ajudados através da literatura, se encontrou com padre Pigi Bernareggi, em Belo Horizonte/MG. A seguir, algumas notas deste diálogo.

Bracco: O Papa na Tailândia, num encontro com os religiosos disse: “O olhar de Maria impele-nos a ver na mesma direção d’Ela, em direção a outro olhar – o olhar de Jesus – a fim de fazermos tudo o que Ele nos disser. Olhos que cativam, porque são capazes de ir além das aparências, alcançar e celebrar a beleza mais autêntica que vive em cada pessoa. Um olhar que quebra, como nos ensina o Evangelho, todos os determinismos, os fatalismos e os esquemas. Onde muitos viam apenas um pecador, um blasfemo, um cobrador de impostos, um malfeitor, e mesmo um traidor, Jesus foi capaz de ver apóstolos. E esta é a beleza que o seu olhar nos convida a anunciar: um olhar que penetra dentro, transforma e faz vir fora o melhor dos outros”.

Pigi: O olhar de Deus sobre nós significa olhá-lo, porque se não olhar a gente não vê. Não olhando pra Deus, mas *olhando*. E olham porque estão buscando. Às vezes a pessoa olha porque está caçando no chão cinquenta centavos para tomar cachaça. Então, não tem outra coisa pra fazer, está olhando assim. O importante é que você esteja olhando. Se não estiver olhando pra Deus, Ele não tem como olhar pra gente.

Bracco: Como é que acontece isso? Todo mundo acorda de manhã e começa a olhar as coisas, e nós também podemos viver momentos

em que chegamos à noite e não vimos nada. Tem como uma força que te tira a possibilidade de interceptar alguma coisa. Ou não?

Pigi: Creio que se houvesse realmente algo que pudesse destruir o nosso olhar, então seríamos como os protestantes. Para eles, a natureza humana é destruída e Cristo substituiu a natureza humana com a sua Presença. Para o protestante o humano não interessa, interessa é que você seja substituído pela invasão desse fato novo que é Cristo. Mas o mais importante é que nos sintamos miseráveis. Portanto, o fato de a gente estar buscando, é porque eu sou pobre, carente, estou precisando. Pra ser cristão tinha que ser gente miserável, gente que se sente um pobre coitado. Agora, o problema hoje é que tem que se vestir bonito, tem que passar aparência boa, simpatia. [Mas] nós atraímos a atenção de Deus porque procuramos Deus, não porque tenhamos alguma coisa especial que chame a atenção de Deus. Deus está à procura da gente desde quando ainda não havíamos sido criados ainda. Só pelo fato de nos criar é que está à procura da gente. Mas, Deus nos cria à sua imagem e semelhança, e buscando somos atraídos por essa imagem e semelhança que inquieta, que nos faz buscar. Então, eu acho que o importante é olhar, prestar atenção, estar atento.

Bracco: O que pode nos ajudar a ter esta atenção?

Pigi: É como a catapora (que se pega por contágio; *ndr*). Por isso que a companhia é fantástica porque, descobrindo alguém que olha, você sente que pode olhar também. Sentindo que alguém busca, você pode imaginar que você pode buscar também.

Bracco: Carrón falava que pelo fato de estar numa companhia você pode ver em alguém acontecer alguma coisa e finalmente pensar que isso é também possível para você.

Pigi: Essa busca, esse desejo, acho que seria impossível de tirar do ser humano, a não ser que você dê um tiro na cabeça dele e acaba

tudo. Não há ninguém que não se sinta atraído por esse fundamento do ser que é buscar. Quem vai na Black Friday, por exemplo, busca também. Mas não é “a busca”, é uma busca. Não digo que também não seja um reflexo “da busca”. O que realmente cria a comunidade cristã é “aquela busca”. A busca daquilo, a saudade daquele encontro que nenhuma Black Friday pode satisfazer.

Aquela menina que fazia canções na nossa época de *Gioventù Studentesca*, a Adriana Mascagni, a primeira música que ela justamente é uma música que dizia assim: *“Eu me olho e descubro que não tenho rosto. Olho no fundo profundo e vejo a escuridão sem fim. Só no instante que percebo que Você existe, meu tempo renasce na memória. Por que você treme, meu coração? Você não está sozinho, você não sabe se fazer, mas está sendo feito, você não sabe amar, mas é amado. Como as estrelas lá no céu, faça-me caminhar no Ser. Faça-me crescer e mudar, como a luz que cresce e muda nos dias e nas noites. Faça o meu coração como essa neve que muda de cor ao brilho do teu amor”* (O meu rosto). Adriana Mascagni mostra existencialmente a qualidade da verdadeira busca, do verdadeiro olhar. É por isso que a gente poderia estabelecer uma comunidade, uma convivência de pessoas, não pelas qualidades bonitas que as pessoas tenham, mas porque todos buscam, no mistério profundo do seu ser, o encontro com Cristo. É claro que Deus nos busca, sempre, mas o segredo é colocar-se numa atitude de busca, recuperar em nós essa busca que é o nosso ser imagem e semelhança de Deus. O nosso ser procura esse olhar de Deus, um olhar que já é fruto do fato de nós sermos imagem e semelhança de Deus, isto é, de nós termos o nosso olhar. De sermos essa transparência, de sermos essa busca de Deus.

Bracco: Sempre me marca falar com você, me dá sempre uma reviravolta. Que o olhar de Cristo precisa do meu olhar. E não tem nada que possa tirar isso, também o olhar de alguém que procura uma moeda pra tomar uma cachaça, você vê sempre essa humanidade que nada pode tirar. É incrível isso. Este é um exemplo desse olhar.

Pigi: O olhar é a expressão da pessoa. Não existe nada que expresse uma pessoa mais que o olhar. Aquele cientista, Darwin, dizia que a

função gera o órgão. Se nós temos olhos é porque somos seres que buscam pelo olhar. Se não tivesse essa constante busca não existiria olho. É porque nós somos seres transparentes. A nossa conversação está em Deus. Deus ao nos criar conversou com a gente, porque se não conversasse com a gente, não haveria olho. A função, a necessidade de olhar, a necessidade de ter um olhar transparente é que gera o olho. Isso leva a entender a importância da leitura, de colocar para mim algo para que meu olho possa funcionar. Se tivesse o livro da vida não haveria olho. Então eu vejo nessa forma de ler juntos um jeito de viver a minha profunda busca, a nossa personalidade em busca da transparência, da resposta a todas as nossas buscas.

Bracco: Não entendi bem quando você fala que o nosso olhar é semelhança de Deus. Você falou que para descobrir esse olhar nós precisamos olhar.

Pigi: Para descobrir esse olhar de Deus nós devemos exercer o nosso olhar. Devemos fazer funcionar o nosso olhar. Não é uma questão moralista, é uma questão ontológica, é uma questão de ser. O nosso ser é um olhar aberto sobre Deus. Por isso nós nos descobrimos sempre amados por Deus, se eu exerço esse olhar, que eu não posso deixar de exercer, porque é uma estrutura fundamental básica, essencial, original. Não depende das minhas capacidades. Por isso eu acho que nós precisamos nos juntar para formar comunidade em qualquer lugar em que nós estejamos.

Bracco: Porque a comunidade é a maior solicitação a tomar consciência desse olhar.

Pigi: E mesmo porque esse olhar é o mesmo olhar que tem entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Eles estão envolvidos nesse mesmo olhar. Portanto, quanto mais esse olhar for compartilhado, tanto mais ele vai ser autêntico, ele vai crescer, nos vai fazer crescer. O crescimento humano não é questão de milhões de células, o crescimento humano é questão da descoberta dessa união profunda que temos, dessa circulação de olhar do Pai, Filho e Espírito Santo.

Então, é um dever não moralista, é uma necessidade estrutural da nossa pessoa criar comunidade onde nós estamos: família, trabalho, vizinhança.

Bracco: Porque aquilo que faz essa coisa do niilismo, essa coisa sutil que a gente não vê, é que tenta te isolar, é o contrário dessa companhia.

Pigi: Sim, porque esse negócio aqui [celular] não é real, isso é virtual. E quanto mais se tem a impressão de ter o mundo nas mãos, tanto mais você descobre que a realidade não é essa, é mais profunda do que essa. A realidade virtual é claramente comercial, e prejudica altamente o realismo. Especialmente porque não é no virtual que nós vamos exercer a nossa humanidade, o ter o olho aberto para Cristo. É a estrutura básica da nossa pessoa.

Marcela: A Entrepassos tem uma paixão em comum pela literatura. Como a gente pode ajudar nesse sentido? Como a gente pode crescer?

Pigi: Acho que abrir um livro é o mesmo gesto de olhar, buscar. Toda vez que você abre os olhos é lançar os olhos. Ler um livro é lançar esse olhar sobre a realidade. O livro não é uma questão de erudição, mas é uma questão de abrir os olhos sobre a realidade, exercer essa busca primitiva do nosso coração. É como se o livro fosse um terceiro olho ou um quarto olho, ou para quem é cego, o olho. Se você ler um livro pra uma criança que não sabe ler você está ajudando a criança a olhar. E vocês fazendo esse gesto de abrir o mesmo livro, é também unificar o olhar. É como se todo mundo tivesse um olho só. Então, dentro de uma comunidade empenhada, sincera nesta busca de Cristo, um livro facilita demais. No grupo tem os mais espertos, os distraídos, e o fato de lerem juntos algumas páginas afina o olhar das pessoas e faz as pessoas se unirem por aquilo que mais interessa, que é olhar, ou melhor, descobrirem um olhar que é de todos. Porque quando se lê um livro eu acho que não

se deve ficar criticando o que o cara está falando. Não é ler como se fosse um debate, ou debater com esses caras que têm outra opinião que não é a sua. No livro você percebe a busca do outro, e por isso não se deve colocar em dúvida a autenticidade do olho com o qual a pessoa olha o livro. ■

O PARADOXO DO CORONAVÍRUS

Aqui, um de seus últimos textos, quando em abril de 2020, padre Pigi Bernareggi enviou esta carta a sua amiga Rosetta Brambilla respondendo a pergunta: como você está vivendo este período do Coronavírus?

Perguntam-me como estou vivendo este período do Coronavírus. **Com angústia existencial de saber que onde não tiver acesso ao recurso técnico** – sobretudo o respirador – as pessoas morrem afogadas na água gerada pelo próprio organismo nos pulmões. Angústia existencial, também, ao perceber a surreal oposição entre visão personalista (salvar as pessoas) e a visão economista (salvar a economia) que o mundo oferece, inclusive depois de dois mil anos de cristianismo.

Para mim, que dediquei muita parte da minha vida à questão dos sem-casa, surge também a angústia existencial de perceber que **“a casa” não é mais (ou até nunca foi) o principal referencial de equilíbrio e bem viver do ser humano** para bastante parcela da população, que reage negativamente à orientação sábia das Nações Unidas e dos mais sábios governantes: “Fiquem em casa”.

Donde mais um motivo de angústia: o espírito de desobediência às novas normas de vida em nome do próprio critério individualista e relativista. É o que o Papa Bento XVI denunciou quando visitou a Universidade de Ratisbona (Alemanha) onde por muitos anos tinha lecionado. **É deste relativismo individualista que nasce o maior perigo do 3º milênio segundo João Paulo II: “a civilização da morte”.**

Diz São Francisco de Assis no seu *Cântico das criaturas*: **“Bendito sejais meu Senhor, pela nossa irmã a morte corporal, da qual nenhum ser vivente pode escapar”**. Para ele, não há nenhuma realidade que Deus cria, que não traga consigo uma benção. É assim também o Coronavírus. Com efeito, **onde o vírus aparece, imediatamente um conjunto de medidas e faculdades humanas necessariamente entram em ação** – ciências, tecnologias, solidariedades de infinitas formas, estruturas de apoio, pesquisas de vacina, ajudas financeiras. Os Governos são obrigados a deixar de lado muitas transações de sentido duvidoso, para apressar ações efetivas a favor do povo... Os próprios partidos perdem a sua importância a favor do “bem comum”. O horizonte é mais digno, decente, idealista, fraterno; em suma, **a vida é paradoxalmente mais feliz, útil, necessária, interessante, “amada”**. As próprias conversas do dia-a-dia tornam-se menos chatas, vazias, ôcas. O relacionamento humano se humaniza. A perspectiva final se diviniza.

É por isso que o louvor do Círio pascal destes dias (o *Exultet*) diz assim: **“Ó feliz desastre, que mereceu tamanha reparação!”**

É por isso, que nestes dias, eu e meus colegas do *Convivium Emaús* [casa para os padres idosos da Diocese de Belo Horizonte] todos os dias nos encontramos para rezarmos o terço pelo corona vírus no mundo, querendo nós também participar de tanto trabalho bonito, de tanto espírito de serviço, da purificação de tantos corações: **queremos vivenciar este período misteriosamente inventado pelo Criador de todas as criaturas: “Bendito Sejais, Meu Senhor, Pelo Nosso Irmão Coronavírus!”**. ■

“IRMÃO CORONAVÍRUS”

Contribuição do Pe. Pigi Bernareggi ao Retiro de Advento dos Padres de CL da América Latina realizado por videoconferência no dia 30 de novembro de 2020

Historicamente, a Igreja, até o século passado, cultivava com sucesso a tradição antiga da importância do “Retiro para a boa morte” na vida da comunidade cristã. Eu me perguntei muitas vezes o porquê disso, sem conseguir entender. Dizia comigo mesmo: “Sei lá, talvez fosse porque era um tipo de cristianismo pessimista, tenebroso...” Mas eis que agora, nas circunstâncias atuais da pandemia, espontaneamente surgiu em mim a percepção da extrema atualidade do tema da morte, ou melhor, da causa e do objetivo da morte. O tema desafia a nossa consciência cristã. Foi respondendo a um grupo de Memores Domini que me fez várias perguntas a respeito do sentido da experiência da pandemia para a vida daquela comunidade, que espontaneamente surgiu em mim a memória daqueles versos do *Cântico das Criaturas*, de São Francisco de Assis: “Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã a morte corporal, da qual vivente algum pode escapar. Ai dos que morrem em pecado mortal, e felizes os que ela achar conformes à vossa santíssima Vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal!”

Confesso que inicialmente fiquei meio confuso, mas depois fui analisando algumas coisas que trago hoje a vocês, na esperança de colaborar com a sua percepção do valor da experiência que o nosso mundo está vivendo.

A pandemia é fator recorrente em toda a história da humanidade. A palavra usada é a palavra “peste”, que aparece muito nas orações e implorações da Igreja suplicante, que pede para ser libertada “da fome, da peste e da guerra”. Na minha cidade natal, Milão, quando criança, toda vez que ia para o centro, eu passava em frente ao lazareto (palavra alusiva à parábola do pobre Lázaro do Evangelho). Era um grande edifício em forma de pátio circular, onde eram confinados para morrer os “empesteados” das pandemias da época. Os contaminados que porventura conseguissem escapar, ou não ser confinados nesse lugar mortal, eram considerados pela população “ungidores”, ou seja, pessoas más que viviam espalhando a doença supostamente unguindo de noite as portas das casas. Eles eram perseguidos pela população, agarrados e sumariamente assassinados, e enterrados em qualquer lugar, para não mais infectarem o povo. Só depois de a ciência descobrir e disponibilizar vacinas, remédios e tratamentos em nível mundial, é que o terror das endemias desapareceu do inconsciente coletivo do mundo, bem como os locais de confinamento. A última pandemia, ainda com pobres recursos da ciência e causadora de angústia coletiva, foi a Gripe Espanhola, no início do século XX.

O espanto atual diante da pandemia do Coronavírus deve justamente ser atribuído ao fato de que o inconsciente coletivo, amparado na ciência e na Organização Mundial da Saúde, está sendo pego de surpresa. *“Mors tua, vita mea”*: este ditado em latim é uma definição bem sintética do dinamismo típico da **vida**, desde o seu surgimento até a nossa vida atual. Toda a dinâmica da vida cósmica, desde o seu aparecimento, é esta. Modernamente, o grande cientista e teólogo Teilhard de Chardin expressou essa dinâmica com a imagem da trajetória de toda a realidade existente: do **ponto alfa** (Big Bang?) para a realidade definitiva **ponto ômega (o Cristo total)**.

Ora, a energia necessária para esse dinamismo todo é a **morte de Cristo**. A Cruz de Cristo abraça até física e cientificamente o universo todo, a totalidade de toda a humana existência, com uma intensidade

e uma criatividade espantosas – no nosso caso, basta tentar imaginar a força vital pela qual um único exemplar de Coronavírus se instala numa célula viva imensamente maior do que ele e, aproveitando todos os seus elementos vitais, rapidamente produz mais de quinhentos novos Coronavírus... realmente “*mors tua, vita mea*”, e com que ganho fantástico de vida!

Mas o que é a morte? Os antigos pensavam – vejam o trecho do Cântico de São Francisco – que havia duas mortes, ou duas fases da mesma morte: primeiro, a morte corporal; segundo, a morte eterna e espiritual. A primeira morte atingiria só o corpo visível: daí a ideia do “dormitório”, em grego *coimetérion* (cemitério), no qual as pessoas cujo corpo já morreu ficariam esperando a morte definitiva ou a felicidade também definitiva no “juízo final”. Nesse prazo as pessoas teriam a chance de se livrarem de tudo o que não combina com a feliz eternidade – é o purgatório.

Seguindo o *Cântico das Criaturas* de São Francisco, a segunda morte acontece quando acaba o tempo e o espaço, tudo passa para a eternidade e, segundo a opção espiritual de cada um, acontece a felicidade eterna, ou a eterna danação de quem só busca o mal – que é o **nada**.

Diferentemente dos antigos, nós hoje não pensamos mais na morte em duas fases, intercalando entre elas o purgatório. Nós, hoje, temos mais a compreensão da morte como um fato global, abrangendo toda a nossa estrutura humana corpo-espírito. Nesta nossa estrutura global, a morte de Cristo é tudo, em cada instante. Pois nós não vivemos no passado, que já passou; não vivemos também no futuro, que ainda não chegou; vivemos, sim, a nossa vida neste instante, no qual Cristo está “presente”, ou seja, faz o dom de Si-morte-e-ressurreição. Trazemos sempre em nós a morte de Cristo, esperando ter parte na sua Ressurreição. É desta forma que todos os fatores de morte, inclusive o Coronavírus, são parte viva de nossa vida em Cristo, e por isso podemos, sim, apesar da opinião do mundo, chamá-lo de “irmão”, como Francisco chamava a sua

morte corporal. São João intuiu isso ao descrever em seu Evangelho a morte de Cristo como ponto ômega de toda a criação: “E, inclinando a cabeça, **entregou o espírito**” – expressão conscientemente ambivalente: “morreu” e “comunicou a Vida eterna do seu Santo Espírito”. Aqui adquire a sua mais sublime verdade a grande definição de nossa relação com o Senhor, que é também a lei da vida no universo como um todo: “*Mors TUA, vita MEA*”.

Afinal, o que tudo isso tem a ver com o Retiro de Advento? A palavra quer dizer “chegada, chegada”. A morte, nossa irmã, é a feliz chegada nossa ao nosso destino final – o abraço eternamente instantâneo do Cristo, o **ponto ômega de toda a vida universal**. Quando, nos mosteiros contemplativos, um membro da comunidade morre, os sinos batem forte como no dia de Páscoa, e com razão, pois este é o verdadeiro *dies natalis*... mas para quantos mortos pela pandemia não houve nem uma música, nem um canto? Será que nosso irmão Coronavírus gostou? ■



©Fotos: Kika Antunes

■ Pigi e Rosetta em dois momentos de festa nas Obras Educativas Padre Giussani.



A MINHA VIDA COM O PIGI

Por Rosetta Brambilla

Pensar na minha vida com o Pigi é refazer um longo caminho, que começou em Milão e depois se completou no Brasil; um caminho para Deus, percorrido através do sofrimento, da dor, do sacrifício e da alegria.

Eu conheci o Pigi em Milão quando ia à missa de GS, na Paróquia Santo Stefano e nos encontros de GS. Depois eu soube que ele era uma das pessoas que deram sua disponibilidade para a missão em Belo Horizonte.

Lembro-me bem que, quando eu também cheguei a São Paulo, no Convento das Irmãzinhas da Assunção, fui com a Lúcia Virtuani até Belo Horizonte em 1967 para visitar alguns de nossos amigos: Nicoletta, Maria Rita, outras moças e os nossos seminaristas, entre eles o Pigi. Tenho em mente, como se fosse hoje, que um dia o Pigi chegou com a dor estampada no rosto, porque nossos amigos foram com tudo para salvar com as próprias mãos as pessoas que viviam oprimidas por tantas situações.

Ficando ali com eles, percebemos o clima que pairava e lembramos o que Dom Gius lhes havia escrito em 1962: “Não é importante o que vocês vão conseguir fazer: o que é decisivo é o que vocês vão conseguir ser”, e: “Lembrem-se das duas grandes regras que construirão a obra d’Ele, que é o início da nossa obra: 1) O abandono a Deus – a oração; 2) A familiaridade simples entre vocês”. E são justamente essas indicações do D. Gius que eu valorizei, como fez o Pigi também, que me salvaram dentro do caminho.

Dom Giussani me disse numa carta de 1968: “São tempos terríveis nos quais abandonam o nível do Mistério de Cristo para interpretarem tudo como acham melhor... Deus pôs você no mundo e a fez ir ao Brasil para ajudar os homens e para fazê-los conhecer Jesus Cristo e ajudá-los a viver a vida cristã, que é a vida humana verdadeira”. O Gius sempre esteve perto de nós.

Em 9 de março de 1999, Dom Giussani me enviou uma carta dizendo: “Sirva agora o o maior nome dentre os nossos missionários. Mas Pigi também foi um gerador dos inícios mais remotos do Movimento; Pigi, para mim, encarna o ideal do nosso Movimento, na medida em que faz com que CRISTO reviva hoje, assim como o viam Pedro e João ontem. Cumprimente o Pigi e não o deixe. Se algo o impedir, por favor, diga-nos”.

Quando vim morar em Belo Horizonte, colaborei com o Pigi na Pastoral das Favelas criando comunidades cristãs nas favelas da Região Norte de BH, e respondendo às necessidades deles: a indenização da casa, a aprovação das leis do Pró Favela, que dá o título de propriedade à família que mora lá... Ficando perto, respirei com ele o Mistério dentro da realidade.

Morei com o Pigi em 1977 e 1978, na casa dele, preparando a sua comida e arrumando a sua casa. Depois, morando por muitos anos no mesmo bairro, todos os dias de manhã eu o encontrava na Santa Missa, escutava as suas palavras, me comparava com relação às escolhas a fazer... Eu o via em ação com o povo, e não houve dia em que não tivesse diante de mim o encontro feito com Dom Giussani, a nossa história, e eu era cheia de Gratidão.

Nos últimos anos ele foi uma ajuda preciosa para todas as pessoas que trabalham nas Obras Educativas Pe. Giussani, com suas intervenções profundas e tão capazes de apontar o caminho durante nossos encontros semestrais.

De vez em quando eu convidava amigos para jantar em minha casa, para que conhecessem o Pigi pessoalmente e pudessem fazer-lhe perguntas. Ele gostava de encontrar as pessoas e contar o que lhe era caro. Pigi adorava quando o Bracco vinha, e fazia questão de vir jantar e bater um papo com ele.

Obedecer a Dom Giussani para estar perto do Pigi, dizendo diariamente o meu sim, era apenas a possibilidade de retribuir o amor de Deus por mim e por nossa preciosa História. Em todos esses anos com Pigi, quase sessenta, percebemos que nada de tudo que nos foi dado se perde, porque tudo está presente em Sua Presença. ■



■ Pe. Pígi e Pe. Julián Carrón.

© Neófito Oliveira

A MENSAGEM DE JULIÁN CARRÓN PELOS 80 ANOS DE PIGI BERNAREGGI

Caríssimo Pigi,

Aproveito da visita de Bracco para enviar-te os parabéns de feliz aniversário.

Imagino-te repleto de gratidão pela fidelidade do Senhor para com a tua vida, desde o teu primeiro encontro com Dom Giussani, depois do qual não foste mais o mesmo. Quantos frutos gerou aquele teu “sim”, que te escancarou o horizonte da fé até levar-te para o Brasil, onde permaneceste até hoje com uma fidelidade que eu invejo.

Peço-te para rezar constantemente pela grande árvore do Movimento e por mim, para que nada jamais possa nos separar do amor de Cristo, assim como nada – nem as dificuldades, as incompreensões e os sofrimentos – conseguiu separar-te d’Ele.

Por intercessão de Dom Giussani, peço a Nossa Senhora que a tua presença entre as pessoas continue a testemunhar aquela superabundância de vida que Cristo faz experimentar a quem cede à Sua atração única. Somente a Sua presença vitoriosa resiste ao impacto da passagem do tempo, a tua longa vida é a prova disso.

Te saúdo com as palavras que Dom Giussani te escreveu em 1999 e que leste no New York Encounter do ano passado: “Rezo ao Senhor que te ama, como Cristo te ama agora e amou os seus discípulos, para que Ele jamais se enfraqueça na tua memória – não na lembrança,

mas na memória -. Obrigado, principalmente, por quilo que deste à humanidade no nome e por amor de Cristo”.

Parabéns pelos teus 80 anos da parte de todo os amigos do Movimento!

Julián Carrón
Milão, 6 de junho de 2019

PARA PADRE PIGI BERNAREGGI NO SEU 50º ANIVERSÁRIO DE ORDENAÇÃO SACERDOTAL

Caríssimo Pigi,

a frase que você escolheu para lembrar o seu quinquagésimo aniversário de sacerdócio fotografa a sua vida: “Nada absolutamente antepor a Cristo” (São Cipriano). São Bento tornou esta frase a regra da sua vida: “Nada absolutamente antepor a Cristo”. E você, com ele.

Nessa mudança de época – que Dom Giussani tinha percebido já desde os Anos Cinquenta e à qual tinha tentado responder indo ensinar no Liceu Berchet onde você o conheceu –, num tempo em que tudo parece desmoronar, somente n’Ele está a segurança da nossa vida.

Você nos testemunha que nenhuma capacidade ou projeto humanos podem responder à necessidade sem limites dos nossos contemporâneos. Somente se Cristo se torna presente numa humanidade mudada por Ele, na vida da Igreja, o homem pode recomeçar a esperar e a olhar sem medo os seus incômodos e as suas feridas. O que foram estes seus 50 anos se não o espetáculo da fidelidade de Deus que não abandona quem se deixa agarrar por Ele? Foi a sua humildade e simplicidade de coração que permitiram ao Senhor fazer maravilhas através de você, dentro daquela história particular nascida do encontro imprevisto com um jovem brasileiro no começo dos Anos Sessenta, “seguido com fidelidade, isto é com teimosia”, dizia Dom Giussani. Você foi o fruto daquela teimosia: você partiu por causa disso e permaneceu somente por isso.

O amor de Cristo presente o fez atravessar muitas vicissitudes também dramáticas e o tornou sempre mais sinal de esperança para os seus pobres, que se sentem olhados como Jesus olhava os pobres do Evangelho: com aquela ternura única – tão correspondente à espera de um olhar que pousasse sobre eles – até o ponto de excluir cada vez que O encontravam: “Nunca vimos nada parecido!”. É a mesma surpresa que desperta o Papa Francisco com seus gestos desarmados.

Portanto, eu brindo com você e com todos os amigos que o festejam, porque você nos mostra que o carisma dado a Dom Giussani na época em que você era um jovem colegial, ainda é adequado para o homem de hoje, útil para o nosso caminho humano. E essa confirmação é um dom para toda a Igreja e para todos nós do Movimento, que devemos fazer a sua mesma verificação da fé, na fidelidade à forma de ensinamento ao qual fomos entregues.

*Com afeto,
Padre Julián Carrón
17 de dezembro de 2017*

MENSAGEM AOS AMIGOS BRASILEIROS E A TODO O MOVIMENTO DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO PELA MORTE DE PADRE PIGI BERNAREGGI

“O eu novo nasce do gesto de eleição de Cristo que o insere na companhia humana gerada por Seu Espírito, na Igreja. Essa eleição assume sempre uma forma histórica concreta” (L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Deixar marcas na história do mundo*, São Paulo: Cia. Ilimitada, 2019, p. 105).

Queridos amigos, estas palavras da Escola de Comunidade que acabamos de estudar descrevem a vida de Pe. Pigi Bernareggi, inteiramente vivida no seio da forma histórica concreta que é o carisma e inteiramente marcada por duas fidelidades. Primeiramente a de Deus, que o escolheu para fazer avançar o Seu desígnio de salvação e jamais o abandonou. E em segundo lugar a de Pigi, que reconheceu e seguiu o chamado do Mistério, que o alcançou em 1954 numa sala de aula do Liceu Berchet de Milão com o sotaque inconfundível de Dom Giussani. Por toda a sua vida ele se lembrou daquele que foi seu “belo dia”: “Como um furacão, ele entrou na nossa vida – e já ficamos esperando a aula seguinte”. Por quê? “Ele exigia de nós um uso novo da razão: já não aplicada em formular esquemas e catalogar conceitos, mas aberta à descoberta do mistério do ser, à transparência do sentido último da experiência humana”.

Por meio de Dom Giussani, o cristianismo irrompeu na sua vida como um acontecimento presente: “Aquilo que eu recebi em GS foi a certeza da presença de Cristo em tudo, sempre, custe o que custar, doa a quem doer. Presença de Cristo no instante que passa, porque se não for no instante que passa não é em tudo, será um esquema teórico ao qual você fará referência de vez em quando, uma espécie

de refúgio (ou retiro espiritual). A grande descoberta que fizemos em GS com meus amigos era que a substância do instante que passa é a presença de Cristo. Se não for do instante que passa, não é de nada". Pigi nos lembra que Cristo é algo que nos acontece agora. Esta é sua maior herança.

Por isso, seu lema sacerdotal era: "Nada, absolutamente, antepor a Cristo" (São Cipriano). Esta consciência fez dele um protagonista no testemunho diário entre o povo da periferia de Belo Horizonte. Nunca seguindo outro caminho, nem sequer quando teve de atravessar os vales escuros da solidão e da doença. Sempre seguiu o método suave de Deus. Quantos frutos produziu a sua disponibilidade em seguir esse método!

Numa carta de 1999 a Rosetta – que compartilhou com Pigi a aventura brasileira até o último dia –, Dom Giussani falava dele como "o maior nome dentre os nossos missionários. Mas Pigi também foi um gerador dos inícios mais remotos do Movimento; Pigi, para mim, encarna o ideal do nosso Movimento, na medida em que faz com que CRISTO reviva hoje, assim como o viam Pedro e João ontem".

Peçamos que o ideal encarnado por Pigi inunde a nossa vida, de modo que, também para cada um de nós, se torne cada vez mais uma experiência diária aquilo que Pedro e João viveram, e Pigi junto com eles: "Tenho certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer será capaz de nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8,38-39).

*Afetuosamente, vosso
padre Julián Carrón
Milão, 23 de janeiro de 2021*

SUMÁRIO

Introdução	2
A misericórdia e a teologia do povo <i>por Marco Montrasi</i>	4
A plenitude dos tempos	9
No instante está contido tudo.....	20
Abrir o olhar	26
O paradoxo do Coronavírus.....	32
“Irmão Coronavírus”.....	34
A minha vida com o Pigi <i>por Rosetta Brambilla</i>	39
A mensagem de Julián Carrón pelos 80 anos de Pigi Bernareggi	43
Para Padre Pigi Bernareggi no seu 50º aniversário de ordenação sacerdotal	45
Mensagem aos amigos brasileiros e a todo o Movimento de Comunhão e Libertação pela morte de Padre Pigi Bernareggi.....	47

CL

Comunhão e Libertação